



People in White: O Vir a Ser Médico e as Experiências de Alunos PROUNI de um Curso da Medicina no Rio de Janeiro¹

Tamara CAMPOS²

Davi SILVA³

Universidade do Grande Rio, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo entrevistar os estudantes de Medicina PROUNI de uma universidade privada do Rio de Janeiro, a fim de compreender as experiências desses alunos no espaço acadêmico, em especial os principais desafios enfrentados por eles ao longo da formação universitária. A ideia é mapear o perfil e permitir narrativas que tematizem a formação médica e os obstáculos no decorrer da graduação, bem como entender sua socialização com outros estudantes, professores e funcionários da instituição e se o espaço é pautado por uma lógica de alteridade. O *corpus* de análise deriva de respostas por meio de um formulário eletrônico e entrevistas semiestruturadas com os estudantes. A ideia é desdobrar a pesquisa, em fase inicial, para um trabalho etnográfico, cuja inspiração é um clássico da sociologia norte americana, *Boys in white*, que completou 60 anos de publicação em 2021 e é tido como referência no campo da sociologia das profissões, tendo elegido a escola médica como objeto de estudo e criado um subcampo dentro da sociologia médica denominado sociologia da educação médica. Dessa forma, o presente artigo inspira-se no Interacionismo simbólico, não só pelos autores mobilizados, considerados herdeiros de Chicago e interacionistas, como é o caso os pesquisadores de *Boys in White*, mas também pelo fato de termos como problemática a cultura estudantil, pois, esta é uma das frentes de pesquisa contempladas pelo interacionismo. Foram entrevistados por meio do *Google Forms* 13 estudantes 100% PROUNI no curso de Medicina, sendo 10 mulheres e 3 homens. Foram 6 respondentes do campus Barra da Tijuca e sete do campus Duque de Caxias, todos nascidos entre 1993 e 2004 e com ingresso na universidade entre 2018 e 2023. Apesar de dois alunos analisarem a convivência com outros estudantes do curso como ruim, quatro como neutra e sete como boa, em uma escala de 1 a 5, quando questionados de maneira aberta sobre a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO (PPGHCA), email: tamara.campos@unigranrio.edu.br

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da UNIGRANRIO (PPGA), email: davi.silva@unigranrio.edu.br



convivência com os colegas de curso percebemos que a disparidade de condição financeira, a rivalidade entre alunos e até o discurso do bolsista que estaria roubando a vaga ou fraudando o processo são discursos que surgem. Quando questionados sobre os principais desafios enfrentados pela bolsista PROUNI na Medicina, a questão do relacionamento com os colegas aparece novamente, de maneira direta, em seis das 13 respostas. Foram feitas ainda 3 entrevistas presenciais semi-estruturadas, com alunos que responderam o formulário e as falas revelam, ao mesmo tempo, acolhimento e boa convivência, mas também relatos de formas de preconceito de classe, raça e gênero.

Palavras-chave: cultural estudantil; medicina; entrevistas; alteridade; PROUNI

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo entrevistar os estudantes de Medicina PROUNI de uma universidade privada do Rio de Janeiro, a fim de compreender as experiências desses alunos no espaço acadêmico, em especial os principais desafios enfrentados por eles ao longo da formação universitária. A ideia é mapear o perfil e permitir narrativas que tematizem a formação médica e os obstáculos no decorrer da graduação, bem como entender sua socialização com outros estudantes, professores e funcionários da instituição e se o espaço é pautado por uma lógica de alteridade.

A pesquisa foi dividida em duas etapas, com a aplicação de um formulário eletrônico com 41 perguntas e dividido em quatro seções, seguido da realização de entrevistas semiestruturadas com quatro respondentes do formulário eletrônico.

A seção um do formulário continha 20 perguntas, que buscavam levantar dados cadastrais dos alunos, como nome, e-mail, telefone, como também o campus, período que entraram na universidade, se tinham graduação prévia, endereço, colégio que fizeram o Ensino Médio, religião, autodeclaração racial, entre outras informações. A seção dois, com 11 perguntas, pedia que os alunos avaliassem a infraestrutura da universidade, o corpo docente, pertinência das aulas, o convívio com colegas, a dificuldade no deslocamento e dificuldades financeiras, em uma escala de 1 a 5.

A seção 3, com respostas abertas, 10 perguntas permitiam ao aluno explicar, nas próprias palavras, a experiência de ser bolsista de medicina PROUNI na universidade. As perguntas buscavam entender o que os alunos mudariam no curso, caso pudessem, a razão pela escolha do curso, se o curso estava atendendo as expectativas, e o convívio com os colegas, o que mudaria após a obtenção do diploma na vida de cada um e quais os principais desafios enfrentados ao longo da formação, foram alguns dos pontos levantados.



A ideia de mapear e ouvir relatos dos estudantes PROUNI em um curso elitizado, como a Medicina, é propiciar um espaço de escuta e acolhimento em um ambiente no qual os alunos pagam, em média, 12 mil reais por mês. O poder econômico do aluno pagante pode ser um fator de constrangimento para o aluno PROUNI, que pode ter dificuldade de se expressar e trazer suas demandas em um curso com alunos da classe média alta.

Nessa perspectiva, o aluno PROUNI pode ter uma experiência de *outsider* (Becker, 2008), cabendo à universidade espaços de diálogo e novos arranjos institucionais, ajudando, quem sabe, em novas políticas públicas.

Aspectos teóricos e metodológicos

Após a primeira etapa da pesquisa, cujo procedimento foi a aplicação e análise dos dados por meio do *Google Forms*, selecionamos três dos treze alunos respondentes para realizar entrevistas semiestruturadas presencialmente. Foram selecionados uma aluna branca e católica de Caxias. No campus Barra da Tijuca, selecionamos um aluno preto e cristão e uma aluna parda, também cristã.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas, feitas individualmente e duraram cerca de 50 minutos cada. Algumas respostas dadas pelos estudantes no forms, especialmente nas perguntas abertas, foram exploradas ao longo da conversa, pois, em muitos casos, os alunos acabam não explicando e não desenvolvendo uma ideia, o que foi possível nas conversas presenciais.

Na seleção para as entrevistas semiestruturadas priorizamos uma pluralidade de perfis, tanto quanto possível, com diferentes orientações sexuais, religiosas, locais de moradia etc. As entrevistas dialogam com a abordagem de Eliot Mishler (1991), que criticava o fato da entrevista de pesquisa ser vista essencialmente como estímulo (pergunta) e reação (resposta), sem levar em conta o contexto em que a conversa ocorria e as identidades que estariam em jogo durante o diálogo.

Sendo assim, ressalta-se que uma das entrevistadoras foi PROUNI 100% em uma universidade privada do Rio de Janeiro, ao passo que o outro entrevistador foi bolsista de uma universidade privada no Norte do país. Os dois entrevistadores atuam como docentes na universidade na qual a pesquisa será realizada, mas nenhum dos dois leciona no curso da Medicina, o que pode gerar mais abertura para os estudantes compartilharem as experiências.

Tal contextualização para as condições de realização das entrevistas é importante, já que não nos alinhamos nem à perspectiva positivista, que percebe o outro como mera fonte de



informação, cabendo ao entrevistador fazer as perguntas certas, tampouco dialogamos com a abordagem emocionalista, de caráter humanista, que busca ter acesso às emoções do entrevistado, estimulando uma relação afetiva com o mesmo (ROLLEMBERG, 2013). Nesse caso, a entrevista é considerada bem-sucedida pelo grau de empatia desenvolvido entre entrevistador/entrevistado. No entanto, a marca positivista percebe o entrevistado enquanto um receptáculo permanece na abordagem emocionalista, que em vez de considerar o narrador enquanto fonte de informações considera-o fonte de emoções a serem extraídas.

A abordagem de entrevista adotada é a corrente construcionista, que enfoca o discurso como força que constrói a realidade e os significados negociados ao longo da entrevista ajudam os participantes a se (re)posicionarem e a (re)construírem a própria entrevista.

Uma questão central para a abordagem interacionista é a realização de observações *in situ* que privilegiem o espaço de trabalho ou universitário e as relações entre os estudantes, instituição de ensino e professores, razão pela qual é incorporada uma metodologia que conjuga pesquisa etnográfica e entrevistas. Os esforços giram em torno de interpretar a lógica de cada uma das profissões, desvendando outros sentidos para além da remuneração, como valores da cultura da profissão, busca por autonomia, entre outros. Ou seja, a questão central é a de compreender os sentidos atribuídos pelos próprios trabalhadores ou estudantes, que são os trabalhadores em formação (FLICK, 2004). Embora, nesse primeiro momento, não iremos recorrer a uma pesquisa etnográfica, os autores não são alheios à realidade dos alunos de Medicina, devido à atuação profissional no espaço e, também, a intenção é fazer uso da etnografia em desdobramentos futuros.

Análise dos formulários

O título do presente artigo faz menção ao clássico *Boys in White*, mas provoca, no sentido de que, no contexto pesquisado por Hughes, Strauss, Becker e Gear realmente eram apenas meninos de branco, já que as mulheres não atingiam nem 5% dos estudantes e os brancos representavam mais de 90% do perfil do corpo discente da medicina. Assim, as características sociodemográficas e ontológicas dos alunos (gênero, etnia, cultura, classe social, orientação sexual, religião) têm um impacto mínimo sobre as experiências dos estudantes se considerarmos a heterogênea cultura do estudante de medicina.

Mas qualquer mulher consegue ser uma estudante de medicina hoje? Até que ponto realmente mudou? E como é ser um aluno oriundo de uma classe social menos abastada nesse meio de formação médica? As respostas no formulário eletrônico sinalizavam alguns avanços



em relação ao contexto pesquisado pelos intelectuais de Chicago, mas também alguns pontos que não representam melhora.

No caso pesquisado, 77% eram mulheres, o que representa uma mudança radical de cenário em relação ao contexto de *Boys in White*. No entanto, a questão racial parece ter avançado pouco, já que 70% dos entrevistados se declaram brancos ou brancas, 15% pardos ou pardas e apenas 15% pretos ou pretas. Ninguém declarou ser indígena.

Assim, felizmente, a realidade levantada a partir da resposta dos estudantes aponta para a mudança em relação à representação feminina. No entanto, quando Kilomba (2009) sinaliza que a mulher negra é o “outro do outro”, isso parece ser uma realidade quando pensamos na formação médica no Brasil.

No contexto pesquisado, apenas uma estudante se declarou preta e duas pardas, contra sete estudantes brancas, o que demonstra tanto o difícil acesso da mulher preta à carreira médica, quanto um certo racismo por denegação (GONZALEZ, 2019), em nosso país na categoria parda, pois tal classificação, em processo de revisão, ainda é adotada ainda pelo IBGE e pelo próprio MEC, o que nos levou a utilizar essa opção também no formulário.. Dos três homens respondentes, dois se declararam brancos e um preto.

Ao analisarmos os dados abertos do MEC sobre as bolsas disponibilizadas em 2020 para Medicina no Brasil, percebemos que a representação dos pretos está ainda muito aquém do ideal e há uma dificuldade tanto de jovens pretas e pretas no acesso ao curso. Não há informações sobre orientação sexual e de gênero e nem religiosa pelo MEC. Das 2170 bolsas integrais, 1062 foram designadas para alunos declarados brancos, 35 para alunos amarelos, uma para um indígena, 998 para indivíduos que se entendem como pardos, e 77 para candidatos autodeclarados pretos. Desse universo, pensando na realidade do Estado do Rio de Janeiro, 117 bolsas integrais foram concedidas para candidatos do estado, com 72 mulheres bolsistas e 46 homens. Foram 70 bolsas para pessoas brancas, 38 para pardas, 10 para pretas e 1 para amarelas. Gênero e orientação sexual são levantados pelo MEC de forma binária, com apenas a designação de masculino ou feminino.

Em nosso levantamento, na pergunta sobre gênero, além de homem e mulher deixamos a opção “prefiro não dizer” e outro (com possibilidade da pessoa detalhar ou não), mas todos marcaram homem ou mulher, indo ao encontro de uma heteronormatividade (BUTLER, 2003) ainda muito forte em nosso país.

No quesito religião, três disseram não possuir, quatro se identificam como católicos, quatro como cristãos e dois como cristão protestante. Percebemos a inexistência de religiões



de matrizes africanas ou uma cosmogonia indígena. Tanto a questão racial quanto a religiosa sinalizam um privilégio branco, cristão e heteronormativo, o que dialoga com a ideia de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2018) e atravessamentos de opressões diversas.

Cabe ressaltar, ainda, que os treze respondentes, além de serem 100% PROUNI, recebem uma bolsa auxílio, a fim de auxiliar na manutenção do curso, que é integral. Os alunos que responderam o formulário eletrônico representam uma amostragem diversa dos estudantes 100% PROUNI por estarem distribuídos ao longo de distintos períodos, com estudantes do primeiro ao décimo primeiro período, ou seja, alunos que permitem uma perspectiva inicial, mediana e de final de curso.

Nenhum aluno era graduado em outro curso antes de fazer Medicina, embora três estudantes tenham feito, parcialmente, os cursos de Odontologia, Ciências Biológicas e Biomedicina, todos correlatos à área médica.

Com relação aos bairros onde residem, há alunos em São Gonçalo, Jacarepaguá, Berfold Roxo, Botafogo, Ipanema, Campo Grande, Pechincha, Tijuca, Penha, Méier, Centro do Rio, Vila Valqueire, Barra, o que demonstra residentes tanto em regiões periféricas e mais pobres, quanto de classe média e até em bairros tidos de elite no Rio de Janeiro.

A formação no Ensino Médio também é interessante, pois três são egressos do IFRJ, um do Pedro II, dois da FAETEC, um do CAP UFRJ, um do Colégio Militar e um alega ter pegado o certificado do Ensino Médio a partir da nota obtida no ENEM, o que demonstra que pelo menos mais da metade dos entrevistados frequentou colégios públicos de excelência, contra quatro que estudaram em escolas estaduais.

Entrevistas

Nossa primeira entrevistada, a quem vamos dar o pseudônimo de Cecília, é branca, tem 23 anos, católica não praticante, moradora da Penha, na Zona Norte do Rio. Ela reside com os pais e é filha única. Estuda no campus Duque de Caxias e está no sétimo período, ou seja, ainda não entrou no período de internato⁴, no qual os alunos basicamente deixam de ir para a universidade, pois, ficam focados nas rondas dos hospitais que possuem convênio com as universidades.

⁴ O curso de Medicina na instituição pesquisada é dividido em ciclo básico, com disciplinas mais teóricas, indo do primeiro ao 8 período e a fase denominada internato, com atividades em diversas especialidades médicas em clínicas e hospitais conveniados à universidade.



Filha de motorista de aplicativo e dona de casa. Alega que antes, quando o pai dirigia vans, eles possuíam uma condição financeira melhor. Por problemas de saúde, o pai precisou parar e acabou virando motorista de aplicativos. Com a pandemia e a pouca movimentação das pessoas pela cidade, a renda da família caiu bruscamente, e eles precisaram sobreviver com o auxílio emergencial na pandemia. A mãe está tentando empreender para complementar a renda familiar. Isso tem relação com o conceito de empreendedorismo por necessidade (DORNELA, 2005), que é derivado da falta de opção, ou seja, o empreendedor decide começar uma atividade empreendedora por uma necessidade financeira.

Cecília, que relata sempre ter sido muito ansiosa com estudos, explorou boa parte da sua fala explicando como era difícil para ela se manter financeiramente na universidade, como a pandemia afetou ainda mais a sua dinâmica familiar e as consequências disso para sua convivência no espaço acadêmico, que iam desde o fato da marmita dela ser diferente da dos colegas, especialmente na pandemia, período no qual relata ter comido basicamente fígado, ovo, linguiça, enquanto os amigos comiam filet mignon, por exemplo. Bourdieu (2007) pensa o espaço escolar e universidade como mercados simbólicos, que exigem competências necessárias aos agentes que atuam em determinado campo. Os autores do interacionismo simbólico (BECKER et al, 1992, GOFFMAN, 1985) também possuem tal visão, chamando de expectativas e obrigações que cada ator tem em um distinto cenário. A natureza da marmita, assim, funciona como um “símbolo de distinção” (BOURDIEU, 2007). Outro símbolo de distinção são os tablets e notebooks. Cecília conta que um tio seu conseguiu “recauchutar” um notebook antigo e que os colegas possuíam todos tablets e aparelhos de última geração. Ela também relatou, com certo constrangimento, que fazia apostilas com resumos das aulas e vendia para outros alunos, como uma maneira de ganhar um dinheiro extra, o que nos remete, novamente, ao empreendedorismo por necessidade (DORNELAS, 2005).

Para além da questão dos bens materiais, Cecília conta que acaba tendo que negar muitos convites para sair com os colegas, pois, os colegas convidam dizendo que “vamos lá. Você só vai gastar R\$ 100,00”, o que, para ela, era inviável. Ela disse que, muitas vezes, alega estar doente para não ter que dizer que está sem dinheiro. A fala de Cecília acaba evidenciando um sentimento de não pertencimento devido ao fator financeiro, quando questionada sobre o principal desafio para um aluno PROUNI durante a formação:

“Acredito que seja lidar com a sensação de não pertencimento aquele lugar, vemos colegas com uma vida que não conseguimos alcançar, tendo equipamentos eletrônicos que



nunca pensamos em ter, comendo comidas que não sabemos nem como é o gosto e isso é complicado. Lidamos com pessoas que pagam de faculdade por mês o que a minha família demorará quase um ano para conseguir e isso é extremamente confuso”. Mas ela demonstra também esperança no futuro, apesar de relatar que sente muito o peso da responsabilidade em relação ao bem-estar da família: “Eu fico às vezes pensando, que o que eu vou ganhar em um mês, meu pai não ganha e um ano. E eu até brinco com ele, ah, pai! Vamos trocar o seu carro, vamos viajar...”.

Com relação aos colegas, diz que a imensa maioria é pagante mas que são “super conscientizados”, mas ela confessa que “ eu me sinto inferiorizada pela renda” e completa ainda dizendo que imagina que os poucos colegas pretos também se sintam pela questão racial, pois, segundo Cecília, em sua turma com 120 alunos, apenas dois possuíam a pele negra retinta. Ela disse ainda que a maioria dos prounistas são brancos ou pardos.⁵

A convivência com os professores é relatada por ela como algo bom, com a maioria dos docentes compreensível com os alunos do PROUNI. Também alega que nunca percebeu diferença de tratamento da secretaria ou outros órgãos de atendimento ao estudante.

Como conselho para outros estudantes PROUNI, Cecília diz:

Falaria para ele que a faculdade é complicada, que ela consome muito a nossa energia, que passaremos mais tempo na faculdade do que com os nossos familiares, que ficaremos exaustos e teremos momentos que pensaremos em desistir e é nesse ponto que entra o conselho, ache colegas de classe que você consiga contar, que esteja ao seu lado te apoiando e te ajudando, que queiram crescer juntos com você, pois, é aí que você conseguirá enfrentar a faculdade.

As escolhas lexicais evidenciam um cenário duro, quase belicoso: “complicada”, “exaustos”, “desistir”, “enfrentar”. Assim, a rede de apoio aparece enquanto algo fundamental para o aluno da medicina prounista na fala da estudante.

O segundo entrevistado, a quem chamaremos pelo pseudônimo Marcos, é preto, tem 28 anos, cristão e mora em Jacarepaguá, com seus pais. O pai é representante de vendas e a mãe também é dona de casa, como no caso de Cecília. Estuda no campus Barra e está no final do curso, no 11º período. Diferentemente de Cecília, seu relato não focou muito na questão de um abismo financeiro.

Marcos conta que fala com todos os alunos do curso de medicina, de todos os períodos, além de alunos de outros cursos. Tem um perfil muito articulador, tendo sido ele a

⁵ O Prouni foi instituído pelo Governo Federal em 2005 e visa incluir alunos de baixa renda e vulnerabilidade social no Ensino Superior, a partir da concessão de bolsas de estudos parciais e integrais em instituições privadas de ensino. O PROUNI prevê cotas raciais e também para PCD. Veja lei 11.096



organizar um grupo no WhatsApp para os alunos, o “Prounidos”. Essa liderança de Marcos ajudou a garantir uma experiência muito saudável com os colegas e o aluno classifica a convivência com os outros estudantes enquanto muito saudável e diz ter amigos tanto bolsistas quanto pagantes. Dentro do espaço da universidade alega não sentir preconceito em relação aos colegas de curso e diz que todos são muito “conscientizados”, palavra que também apareceu no discurso de Cecília. Ele ressalta muito a amizade com os colegas de curso como uma rede de apoio, ponto que também foi ressaltado por Cecília. Mas Marcos, até pela sua liderança estudantil, vivencia isso com mais intensidade, chegando a dizer que “é uma família”, especialmente quando menciona a convivência com os amigos do internato.

O principal obstáculo na vida acadêmica para Cecília é o abismo financeiro, para Marcos é “a carência de empatia pelo contexto social que o aluno Prouni sempre esteve inserido”. A queixa do aluno é com relação a alguns poucos professores e funcionários que, segundo ele, não são sensíveis às especificidades de um aluno bolsista. Isso parece ir ao encontro da ideia das instituições de ensino como reprodutoras de violências simbólicas (BOURDIEU e PASSERON, 1970).

Um exemplo para Marcos dessa falta de sensibilidade em relação às condições dos bolsistas seria a questão da logística para as atividades de internato: “a gente tem que se deslocar para hospitais longe e, às vezes, os turnos encerram às 21h, em locais perigosos. Nem todo mundo tem carro ou grana para pegar uber. A gente depende muitas vezes de carona. E tem aluno que paga, tem condição e mesmo assim cobra um valor pela carona para o prounista. Os professores não pensam nessas questões quando montam os horários”.

Marcos tem como principal pauta a necessidade de um atendimento no espaço focado no aluno PROUNI e FIES, de um funcionário sensível às questões burocráticas desses alunos, bem como estilo de vida e condições socioeconômicas. Ele mencionou uma aluna que mora no Morro dos Macacos e precisou perder várias aulas por conta das atividades do tráfico. Para ele, essa aluna deveria ter tido algum esquema de reposição e um atendimento diferenciado. Embora não perceba preconceitos vindo de seus colegas estudantes, ele disse que nas atividades nos hospitais, sente isso de forma mais presente, pois “no hospital sempre acham que eu sou o enfermeiro. Se eu chego com outro colega, todo mundo é o médico, menos eu”. Kilomba (2009) também relata essa falta de pertencimento quando começou a fazer o doutorado na Alemanha, sendo barrada na porta da biblioteca por não ser aluna daquele local.

Outro ponto mencionado por ele é o preconceito relatado por outros colegas negros no cenário de prática nos hospitais. “Uma colega minha contou que todos os estudantes de



medicina tratavam o cirurgião por você. Mas quando ela falou com ele, o cirurgião disse que ‘para você é senhor’, o que chocou a aluna. Isso é reflexo de uma “branquitude - cujo prestígio se exerce silenciosamente no cotidiano” (SOVIK, 2009, p.159. A aluna contou ainda a Marcos que já foi questionada, no meio da cirurgia, na frente de todos e sem contexto, se ela seria cotista.

Devemos lembrar que a produção de conhecimento em nosso país é fruto de um poder, herança da colonização, fundado em uma espécie de contrato racial, com os brancos ocupando as instâncias de poder, “em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população”. (QUIJANO, 2005, p.117).

O conselho que Marcos deixa para os alunos prounistas é “esse espaço também é seu”! Ele conta que foi um dos primeiros pretos a entrar para medicina, pois, quando ingressou, só conhecia quatro, sendo dois prouni e dois pagantes. Ele relata ainda ter ajudado a organizar um coletivo de estudantes negros prounistas da medicina, o NegreX-Unigranrio, com mais de 600 seguidores no Instagram e adesão de 20 alunos no campus Barra e 30 no campus Duque de Caxias.

A terceira entrevistada, a quem chamaremos de Talita, tem 25 anos, parda, cristã e mora em Guaratiba, com uma colega da medicina que a convidou para morar lá. Assim, Talita contribui simbolicamente no aluguel. Talita está no nono período, tendo iniciado no corrente semestre os internatos nos hospitais. Ela é filha de autônomos na área do comércio, com pai e mãe semi-analfabetos, sem ter o Ensino Fundamental completo. Os pais sempre apoiaram muito e se esforçaram para a filha poder apenas estudar, embora Talita conte que nas férias da escola e faculdade ela trabalha ajudando os pais.

Ela explica que na turma dela não percebe tanto preconceito em relação ao aluno PROUNI e conta o caso de uma aluna PROUNI que ficou com um aluno pagante, ambos da medicina. Em uma roda de amigos, o estudante revelou que se soubesse que a jovem era PROUNI não teria ficado com ela, o que revela um forte preconceito de classe. Talita conta também que a aluna era branca, o que revela também um preconceito racial de fundo, já que o aluno inferiu que ela fosse pagante pela sua cor de pele, indo ao encontro da ideia de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2018).

Talita usa sua transição capilar como exemplo para falar sobre ser branca, revelando que “era como se antes eu fizesse mais parte do grupo. Agora eu estou usando o cabelo



cacheado, mas quando eu usava progressiva me consideravam como branca. Existem comentários que eu ficava mais bonita antes. Eu sinto que me olham diferente agora”.

Ela contou que o primeiro dia na universidade foi um pouco “chocante” para ela, pois quase não avistou pessoas pretas e pardas e chegou a comentar isso com seus pais. Contou ainda que, de uma turma de cerca de 60 alunos, há apenas um estudante preto pagante e uma estudante preta PROUNI. Essa aluna preta prounista, que é colega de Talita, certa vez contou para ela que “os meninos da Barra não chegariam nela por ela ser preta”.

O principal obstáculo para o aluno PROUNI, na visão de Talita, é a questão financeira e acadêmica, tendo em vista que “a maioria dos alunos não PROUNI teve ensino de excelência, que muitas vezes não foi possibilitado ao aluno PROUNI”. Ela conta ter sentido essa defasagem grande em relação aos colegas de curso assim que ingressou na universidade, inclusive de conteúdo, como era o caso de Biologia. As lacunas em termos de conteúdos escolares ela explica ter superado, a partir de seu empenhos nos estudos, mas conta ainda sentir uma defasagem, especialmente em relação à língua estrangeira, quando diz que “são pessoas que estudam línguas a vida toda e que viajam para fora. É um outro mundo. Tem muitos que são bastante conscientes e esforçados, mas outros que não se esforçam tanto e não tem noção da realidade. Sei de gente que pega uber para não atravessar uma passarela e que nunca andou de ônibus.

Sueli Carneiro (2005) aborda o processo de apagamento dos racialmente inferiorizados em termos de aprendizagem formal e informal.

Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da auto-estima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio (CARNEIRO, 2005, p.97).

A estudante de medicina, que é pobre e parda, sente o peso desse aniquilamento, explicando que precisa estudar mais que os outros colegas e expressando um sentimento de injustiça em relação ao cenário.

Com relação aos aspecto financeiro citado como um dos principais obstáculos impostos ao aluno PROUNI, Talita conta que, na sua turma, são 7 estudantes PROUNI e 60



alunos pagantes e que eles estavam organizando a formatura. Houve uma proposta que os alunos se responsabilizassem pelas despesas dos colegas PROUNI, o que geraria um acréscimo de R\$50,00 para cada. No entanto, os pagantes não concordaram em custear e os alunos PROUNI precisaram arcar com o custo de quase R\$300,00 por mês. “Para eles não seria nada, mas para a gente é muito”, conta Talita, que disse ainda que o episódio começou a gerar um clima desconfortável, de insinuações.

Como você vai no churrasco que eu vou se você é pobre? Como você se veste bem se você é pobre? Será que eu não consigo me vestir bem com uma roupa que não seja R\$500,00? Eu tenho que me vestir de xepa, né? Como assim você viajou? As pessoas começaram a externalizar isso. Uma das meninas do PROUNI que foi para o exterior e ganhou uma viagem de alguém e isso gerou o caos porque para eles PROUNI tem que ser muito pobre. Você não pode ter uma vida normal. Tem um olhar de julgamento das pessoas. Uma das meninas tinha ganhado um celular muito bom e ela tinha medo de trazer. Aí você vem de carro emprestado ou até de carona e já fica com receio.

Talita diz sentir falta de um atendimento mais focado nas demandas dos alunos bolsistas, indo ao encontro do exposto também por Marcos. Conta que ficou três meses sem andar e que teve muita dificuldade para entender se teria algum problema em trancar a universidade por ser PROUNI, o que gerou muita angústia para a estudante no período.

A estudante deixa, como conselho para os futuros e atuais alunos PROUNI, não esquecer de fazer um bom planejamento acadêmico e aproveitar as atividades extracurriculares, o que coaduna com o discurso da aluna sobre a defasagem acadêmica e cultural e como o estudante PROUNI precisa se empenhar mais, a fim de transpor esse fosso.

Conclusão

A pesquisa pelo *Google* formulários permite traçar um perfil do aluno de Medicina PROUNI na universidade pesquisada. Dos 13 estudantes que responderam o questionário, 10 eram mulheres e 3 homens. Cerca de 70% dos respondentes se autodeclararam brancos e brancas, contra 15% de pardos e pardas e 15% de pretos e pretas.

Apesar de 10 alunas mulheres, havia apenas uma preta e duas pardas, contra 7 alunas brancas, o que parece ir ao encontro da fala de Grada Kilomba de que a mulher preta é “o outro do outro”. Em termos de religião, há predominância de católicos e cristãos, com alguns se denominando cristãos protestantes, sem menção a religiões de matrizes africanas.

Há alunos residindo em bairros tanto de localidades mais pobres quanto abastadas do Rio de Janeiro, mas vale ressaltar que o formulário não permite entender as condições de moradia, como verificamos no caso de Talita, que mora na Barra da Tijuca com uma colega



pagante, originária de Minas Gerais, que conheceu na universidade. Talita apenas paga uma conta da casa para contribuir de forma simbólica.

Oito dos treze alunos PROUNI frequentaram colégios públicos considerados de excelência, como o Pedro II, IFF, Faetec e Colégio Militar.

O questionário e as entrevistas revelam, paradoxalmente, um clima de boa convivência com outros alunos e também de conflitos. As notas do questionário demonstram que dois alunos consideram a convivência com outros estudantes do curso como ruim, quatro como neutra e sete como boa, em uma escala de 1 a 5. No entanto, quando na terceira seção são questionados de modo aberto acerca do tópico, a partir da pergunta “Como você avalia seu convívio com os outros estudantes?” fica evidente que a convivência envolve percalços, como a disparidade de condição financeira, a rivalidade entre alunos e até o discurso do bolsista que estaria roubando a vaga ou fraudando o processo. Quando questionados sobre os principais desafios enfrentados pelo aluno PROUNI na Medicina, a questão do relacionamento com os colegas aparece novamente, de modo direto, em seis das 13 respostas.

A boa convivência com os colegas aparece fortemente no discurso de Marcos e com menos intensidade no discurso de Cecília. A fala de Talita revela uma boa convivência geral até o oitavo período, momento no qual ocorrera um desentendimento entre alguns alunos.

Mesmo Marcos, que revela um forte vínculo emocional com os colegas de curso e uma experiência muito positiva de interação, chegando a classificar a convivência com os seus amigos como uma relação familiar, conta sentir preconceito na interação com os funcionários do cenários das práticas de internato nas clínicas e hospitais conveniados à universidade e conta o caso de outra colega preta que também sofreu preconceito em tais locais. No espaço da universidade, no entanto, Marcos não relata preconceitos dos outros estudantes, mas conta perceber certo preconceito e tratamento diferenciado de alguns professores, atribuindo isso a uma diferença geracional.

Cecília sofrer com a diferença de classe e não acha que seus colegas tratem ninguém de forma desigual, embora explique que “fica mal” por não conseguir comer da mesma forma que seus amigos, nem ter o mesmo equipamento eletrônico ou mesmo dinheiro para sair com seus colegas, chegando a simular doença para não alegar falta de condições financeiras. Por ser branca, a questão racial não aparece muito em seu relato.

Talita é a que traz um cenário de mais conflito, demonstrando que as experiências podem ser muito distintas, já que ela estuda no mesmo campus que Marcos, contudo em uma turma diferente. Como experimentou uma transição capilar, e se autodeclara parda, passou



pela experiência de se sentir branca, quando utilizava alisamento, e mais próxima à mulher negra, quando passou a adotar os cachos, o que, segundo ela, teria feito com que outras pessoas comentassem que o liso seria melhor ou mais prático, gerando na estudante o sentimento de que o liso é mais aceito socialmente.

A falta de atendimento especializado nas condições do aluno PROUNI foi apontada na fala de Marcos como o principal obstáculo no processo de formação do aluno PROUNI, com uma falta de “empatia pelo contexto econômico e social dos estudantes”. Talita também aponta a falta de um atendimento focado nas necessidades dos estudantes PROUNI como um dos pontos mais importantes, atrás da questão financeira e acadêmica.

O principal obstáculo na vida acadêmica, para Cecília, converge com o de Talita, pois Cecília considera o abismo financeiro como o grande obstáculo para o aluno do PROUNI.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
- BECKER et al. **Boys In White: student culture in medical school.** New Brunswick and London: Transaction Publishers, 1992.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** (R. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio.** Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2008.
- CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Tese (doutorado) em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005, pg 96-110, 2005.
- DORNELAS, José Carlos Assis. Transformando idéias em negócios. 2ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 9ª reedição.
- FLICK, U. **Uma introdução a pesquisa qualitativa.** Porto Alegre, RS: Bookman, 2004.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana;** tradução de. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985.
- GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural da Amefricanidade”. In HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.): **Pensamento feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUCMinas – 2023

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

MAINES, D. R. Social organization and social structure in symbolic interactionist thought. **Annual review of sociology**, 3, 1977, p. 235-259.

MISHLER, E. G. **Research Interviewing**: context and narrative. Harvard, 1991.

NUNES, E. D, BARROS, N. F. Boys in white: um clássico da pesquisa qualitativa completa cinquenta anos. **História, Ciências, Saúde** - Manguinhos. Rio de Janeiro, v.21, n.4, out-dez. 2014, p.1179-1196.

QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005, p. 107- 130.

ROLLEMBERG, A. T. Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados. In BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares dos. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: perspectivas em análise da narrativa e interação. Rio de Janeiro: Quartet Editora: Faperj, 2013.

SAUDER, M. Symbols and contexts: an interactionist approach to the study of social status. **The sociological quarterly**, 46, 2005, p. 279-298.

SOVIK, L. Aqui ninguém é branco. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.